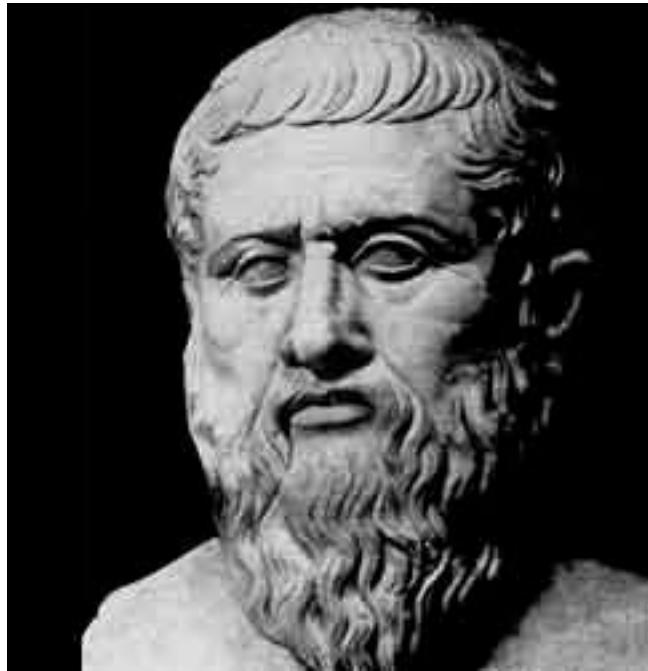


O LÓGOS DA LÍRICA

Por Rafael Brunhara



O VIII Encontro tradução de Clássicos no Brasil, realizado pela Casa Guilherme de Almeida, propôs-se a enfatizar a complexidade de delimitar no mundo antigo âmbitos hoje tão claramente distintos para nós como arte e ciência, mito e filosofia, o lugar da técnica e da arte – campos cujos limites se estreitam e confundem. Quando este tema foi proposto, e pensando nas articulações que eu poderia encontrar com a minha área de pesquisa, a poesia lírica grega, me ocorreram dois excertos de Platão.

O primeiro é de *República*, 398d. Trata-se do discurso de Sócrates sobre a natureza da dita poesia mélica – ou nas palavras de Platão, da canção e da melodia (τὸ περὶ ᾠδῆς τρόπου καὶ μελῶν). Logo depois do trecho em que há a famosa classificação de poesia de acordo com os modos enunciativos, Sócrates diz assim ao seu interlocutor Glauco (trad. Anna Lia de Almeida Prado, 2006):

Πάντως δήπου, ἦν δ' ἐγώ, πρῶτον μὲν τόδε ἱκανῶς ἔχεις λέγειν, ὅτι τὸ μέλος ἐκ τριῶν ἐστὶν συγκείμενον, λόγου τε καὶ ἁρμονίας καὶ ῥυθμοῦ.

Ναί, ἔφη, τοῦτό γε.

Οὐκοῦν ὅσον γε αὐτοῦ λόγος ἐστίν, οὐδὲν δήπου διαφέρει τοῦ μὴ ἁδομένου λόγου πρὸς τὸ ἐν τοῖς αὐτοῖς δεῖν τύποις λέγεσθαι οἷς ἄρτι προείπομεν καὶ ὡσαύτως;

Ἀληθῆ, ἔφη.

Καὶ μὴν τήν γε ἁρμονίαν καὶ ῥυθμὸν ἀκολουθεῖν δεῖ τῷ λόγῳ.

Πῶς δ' οὐ;

- Em todo o caso, disse eu, deves ser capaz de dizer que o canto [mélos] é constituído por três elementos: palavra (lógos), harmonia (harmonía) e ritmo (rythmos).
- Sim, disse, Isso eu posso...
- Então, enquanto palavra, o canto em nada diferiria da palavra não cantada, quanto à necessidade de ser expressa segundo os mesmos modelos e também da mesma maneira que há pouco enunciamos?
- É verdade, disse.
- E a harmonia e o ritmo devem acompanhar a palavra?
- Como não?

É fato que na sequência da discussão o Sócrates platônico vai encarecer os problemas das harmonias e dos ritmos do ponto de vista da imitação, mas ele é claro ao afirmar que estes estão subordinados ao *lógos*, à palavra, e não o contrário (*República*, 400a, trad. Anna Lia de Almeida Prado, 2006):

(...) μή ποικίλους αὐτοὺς διώκειν μηδὲ παντοδαπὰς βάσεις, ἀλλὰ βίου ῥυθμοὺς ἰδεῖν κοσμίῳ τε καὶ ἀνδρείῳ τίνες εἰσὶν· οὓς ἰδόντα τὸν πόδα τῷ τοῦ τοιούτου λόγῳ ἀναγκάζειν ἔπασθαι καὶ τὸ μέλος, ἀλλὰ μὴ λόγον ποδί τε καὶ μέλει.

Não devemos ir atrás de ritmos variados, nem de andamentos de toda a espécie, mas procurar ver quais são os ritmos da vida do homem íntegro e corajoso e, tendo visto isso, fazer com que, necessariamente, a métrica e também a melodia acompanhem a palavra de um homem como esse, e não que a palavra acompanhe a métrica e a melodia.

Helenistas sugerem que esta seria já uma reação de Platão à evolução que levaria brevemente à independência entre música e verso¹; de qualquer modo, fica claro, a partir da descrição platônica, que a ideia de *mélos* não se confunde com qualquer noção moderna de canção, uma vez que não há predomínio da música sobre o texto; entendê-los como paritários deturpa a ideia que norteava esta arte no período arcaico e clássico: a melodia e o ritmo estão a serviço das palavras, em vista de torná-las mais claras, inteligíveis e, por conseguinte, memoráveis².

Quando percorremos outros diálogos platônicos, entendemos a dimensão destas considerações: o que os personagens recordam dos poetas mélicos são seus discursos.

Para exemplificar a questão, passo agora ao segundo excerto de Platão, este, presente no *Protágoras*; trata-se da longa discussão e exegese de um poema de Simônides, assim principiada pelo personagem homônimo do diálogo (339a, trad. Daniel Rossi Nunes Lopes, 2017):

ἡγοῦμαι, ἔφη, ὃ Σώκρατες, ἐγὼ ἀνδοὶ παιδείας μέγιστον μέρος εἶναι περὶ ἐπῶν δεινὸν εἶναι· ἔστιν δὲ τοῦτο τὰ ὑπὸ τῶν ποιητῶν λεγόμενα οἷόν τ' εἶνασυνιέναι ἃ τε ὀρθῶς πεποιήται καὶ ἃ μὴ, καὶ ἐπίστασθαι διελεῖν τε καὶ ἐρωτώμενον λόγον δοῦναι.

Eu considero, Sócrates – disse ele – que a parte principal da educação (*paideías*) do homem é ser hábil em poesia (*perì epōn deinòn*). E isso consiste em ser capaz de compreender, entre os dizeres (*legόμενα*) dos poetas, quais são compostos corretamente e quais não o são, e saber discerni-los e explicá-los quando indagado.

¹ Ver Guerrero (1998, p.18).

² Ver Johnson (1983, p.27). Para um comentário mais minucioso à passagem, ver Guerrero (1998, p.16-19).

Depois de uma leitura de Protágoras dos três primeiros versos do poema de Simônides, segue-se uma alentada exegese de Sócrates. É ele que se detém sobre outros versos que nos restaram do fragmento, formando a sua principal fonte de reconstrução hoje em dia³. O poema em questão é o fr. 542 de Simônides (260 na edição de Poltera, que aqui sigo). A *communis opinio* da crítica literária moderna é que Platão lê o poema enfatizando que ele é um discurso *perì aretés*, sobre virtude, quando na verdade seria principalmente um poema sobre louvor e vitupério e o papel do poeta em conferi-los⁴. A grande questão na interpretação do Sócrates platônico é desfazer uma aparente contradição no poema, o sentido da expressão “ἄνδρ’ ἀγαθὸν μὲν ἀλαθέως γενέσθαι/χαλεπὸν” (difícil é tornar-se, *genésthai*, um homem bom) que retomaria a máxima de Pítaco, um dos sete sábios, que teria dito · “χαλεπὸν (...) ἐσθλὸν ἔμμεναι” (“é difícil ser, *émmenai*, nobre”). A argumentação do Sócrates Platônico se centra em distinguir os verbos γενέσθαι, *genésthai*, “tornar-se”, e o verbo ἔμμεναι, *émmenai*, “ser”. Leio o poema em tradução própria⁵:

ἄνδρ’ ἀγαθὸν μὲν ἀλαθέως γενέσθαι
χαλεπὸν χερσίν τε καὶ ποσὶ καὶ νόφ
τετράγωνον ἄνευ ψόγου τετυγμένον·

Tornar-se um homem bom, de verdade,
é que é difícil, nas mãos, nos pés e na mente –
um quadrado perfeito, moldado sem mácula

[
[
[
[
[
[
[

[
[
[
[
[
[
[

οὐδέ μοι ἐμμελέως τὸ Πιττάκειον
νέμεται, καίτοι σοφοῦ παρὰ φωτὸς εἰ-
ρημένον· χαλεπὸν φάτ’ ἐσθλὸν ἔμμεναι.
θεὸς ἂν μόνος τοῦτ’ ἔχοι γέρας, ἄνδρα δ’ οὐκ
ἔστι μὴ οὐ κακὸν ἔμμεναι, 15
ὄν ἀμήχανος συμφορὰ καθέλῃ·
πράξας γὰρ εὖ πᾶς ἀνὴρ ἀγαθός,
κακὸς δ’ εἰ κακῶς <->
ἐπὶ πλεῖστον δὲ καὶ] ἄριστοί
τοὺς κε οἱ θεοὶ φιλέωσιν. 20

Nem a máxima de Pítaco me soa
bem, embora dita por sábio
mortal: “difícil” –dizia – “ser nobre”
Só o deus teria tal privilégio, ao homem não
resta senão ser mau 15
se o abate inelutável conjuntura.
Quando há boa sorte, todo homem é bom,
mau quando há má.
Amiúde os melhores são
quem os Deuses amam. 20

τοῦνεκεν οὐ ποτ’ ἐγὼ τὸ μὴ γενέσθαι
δυνατὸν διζήμενος κενεᾶν ἐς ᾗ-

Por isso não jogarei fora a vida que me coube
buscando o que não pode ser, em vã

³ Editores modernos, de Wilamowitz a Poltera, creem que Platão citava os versos da canção na mesma ordem em que apareciam no poema. Contra: Beresford (2008).

⁴ Foge ao escopo deste breve texto uma análise do fragmento e de seus entendimentos possíveis dentro da poética de Simônides de Céos. Para tanto, remeto o leitor para o comentário de Rawles (2018, p.65) sobre a recepção do poema por Platão; Ragusa (2013, p.205-206), o artigo de Most (1994) e a dissertação de Anderson (2011). Diante das possibilidades de interpretação do fragmento, no entanto, veja-se já Wilamowitz (1913), que nota que apesar de nós, leitores modernos, procurarmos encontrar um sentido único para a passagem, claramente Platão pensava diferente, admitindo múltiplas leituras ao poema.

⁵ Adoto a edição de Poltera (2008).

πρακτον ἐλπίδα μοῖραν αἰῶνος βαλέω,
πανάμωμον ἄνθρωπον, εὐρυεδέος ὅσοι
καρπὸν αἰνύμεθα χθονός· 25
ἐπὶ δ' ὑμῖν εὐρὼν ἀπαγγελέω.
πάντας δ' ἐπαίνημι καὶ φιλέω,
ἐκὼν ὅστις ἔρδῃ
μηδὲν αἰσχρόν· ἀνάγκη δ'
οὐδὲ θεοὶ μάχονται.

[
[

[οὐκ εἰμὶ φιλόψογος, ἐπεὶ ἔμοιγ' ἐξαρκεῖ]
ὅς ἂν ᾗ μὴ κακὸς μηδ' ἄγαν ἀπάλαμνος εἰ-
δώς γ' ὀνησίπολιν δίκαν, 35
ύγιης ἀνὴρ· οὐ <-u> ἐγὼ
μωμήσομαι· τῶν γὰρ ἀλιθίων
ἀπείρων γενέθλα.
πάντα τοι καλὰ, τοῖσί τ'
αἰσχροῖα μὴ μέμικται.

inútil esperança:
o ser humano impecável entre nós que da ampla
terra colhemos os frutos 25
vos avisarei se encontrá-lo.
E a todos vou louvando e amando,
que por querer não praticam
nada vil: contra a necessidade
nem os deuses lutam.

[
[

[Não amo a censura. Basta-me]
um que não seja mau nem muito inábil,
ciente da justiça benéfica à pólis, 35
um homem são... eu não vou
censurá-lo; pois infinita
é a raça dos tolos.
Belo é tudo a que
o vil não se mistura.

Para os propósitos desta breve leitura, gostaria de trazer um trecho da exegese feita no *Protágoras*, em que Sócrates discute o uso específico de algumas palavras:

εὐθὺς γὰρ τὸ πρῶτον τοῦ ἄσματος μανικὸν ἂν φανείη, εἰ βουλόμενος λέγειν ὅτι ἄνδρα ἀγαθὸν γενέσθαι χαλεπὸν, ἔπειτα ἐνέβαλε τὸ <μέν>. τοῦτο γὰρ οὐδὲ πρὸς ἓνα λόγον φαίνεται ἐμβεβληθῆναι, ἐὰν μὴ τις ὑπολάβῃ πρὸς τὸ τοῦ Πιττακοῦ ῥῆμα ὥσπερ ἐρίζοντα λέγειν τὸν Σιμωνίδην· λέγοντος τοῦ Πιττακοῦ ὅτι <χαλεπὸν ἐσθλὸν ἔμμεναι>, ἀμφισβητοῦντα εἰπεῖν ὅτι Οὐκ, ἀλλὰ <γενέσθαι μὲν χαλεπὸν> ἄνδρα ἀγαθὸν ἐστίν, ὃ Πιττακέ, ὡς ἀληθῶς – οὐκ ἀληθείᾳ ἀγαθόν, οὐκ ἐπὶ τούτῳ λέγει τὴν ἀλήθειαν, ὡς ἄρα ὄντων τινῶν τῶν μὲν ὡς ἀληθῶς ἀγαθῶν, τῶν δὲ ἀγαθῶν μὲν, οὐ μέντοι ἀληθῶς – εὔηθες γὰρ τοῦτό γε φανείη ἂν καὶ οὐ Σιμωνίδου – ἀλλ' ὑπερβατὸν δεῖ θεῖναι ἐν τῷ ἄσματι τὸ <ἀλαθέως>, οὕτωςί πως ὑπειπόντα τὸ τοῦ Πιττακοῦ, ὥσπερ ἂν εἰ θεῖμεν αὐτὸν λέγοντα τὸν Πιττακὸν καὶ Σιμωνίδην ἀποκρινόμενον εἰπόντα· Ὡ ἄνθρωποι, <χαλεπὸν ἐσθλὸν ἔμμεναι>, τὸν δὲ ἀποκρινόμενον ὅτι Ὡ Πιττακέ, οὐκ ἀληθῆ λέγεις· οὐ γὰρ εἶναι ἀλλὰ γενέσθαι μὲν ἐστίν ἄνδρα <ἀγαθὸν χερσὶ τε καὶ ποσὶ καὶ νόῳ τετράγωνον, ἄνευ ψόγου τετυγμένον, χαλεπὸν ἀλαθέως>.

O início do canto seria um flagrante desvario, se ele, querendo dizer que difícil é tornar-se um homem bom, inseriu então o sim [*mén*]. Pois é claro que essa inserção não faz sentido, a não ser que alguém a conceba em vista da frase de Pítaco, como se Simônides com ela disputasse. Uma vez que Pítaco afirmava que difícil é ser nobre, ele retorquiu: Não, difícil é, sim [*mén*], tornar-se

um homem bom, ó Pítaco, deveras⁶ – não “deveras bom”, pois não é isso a que se refere a verdade, como se houvesse certos homens deveras bons, enquanto outros, embora bons, não o fossem de verdade; é claro que isso seria ingênuo e indigno de Simônides. É preciso, no entanto, entender o “deveras”, no canto, como hipérbato, aludindo assim, de algum modo, à frase de pítaco. É como se supuséssemos que o próprio Pítaco estivesse falando e Simônides respondendo, e aquele dissesse o seguinte: “Homens, difícil é ser nobre”, e este último então replicasse: “Pítaco, você não diz a verdade, pois não é ‘ser’, porém ‘tornar-se’ um homem bom...

Para entender o *alathéōs* do texto grego, Sócrates tem que imaginar que o poema de Simônides seria uma resposta direta a Pítaco, e que o *mén* explicitaria a correção do ser bom (*ésthlōn émmenai*), dita por Pítaco, para o tornar-se bom (*ándr’agathōn (...) genésthai*) de Sócrates.

Tal ênfase no discurso da poesia grega poderá parecer contraditório quando pensamos que ela circulava em um universo manifestadamente oral, ou, na feliz definição de John Herington em *Poetry into Drama*, uma “cultura da canção” (1985, p.45), mas a leitura platônica encontraria eco na tradição de jogos simposiais que fundamentam a lírica do período arcaico. Uma das possibilidades de entender o modo como Platão interpreta o poema de Simônides nos coloca no contexto das trocas simposiais, que, por meios de jogos recitativos, incitavam-se os convivas a definir a natureza de uma virtude, a validade de uma máxima, ou a enunciar o que é belo ou vil para os mortais⁷. O papel, por exemplo, da elegia numa Grécia Arcaica anterior aos gêneros em prosa da historiografia e da filosofia, em registrar feitos do passado comum de uma cidade e enunciar de maneira direta valores éticos e morais⁸, parece ser indicativos do lugar do *lógos* dentro da “lírica” – entendendo o termo em um contexto mais amplo, que engloba os três gêneros poéticos não-hexamétricos arcaicos.

Portanto, os trechos de Platão me parecem significativos da importância do *lógos* para a interpretação da poesia grega antiga, o que deve acender alguns alertas para nós quando traduzimos – a forma mais minuciosa de interpretar, afinal.

A transmissão muitas vezes acidentada dessa poesia complica ainda mais esse trabalho: envolve um olhar sóbrio e delicado sobre as palavras, sobre o *lógos*, como elemento preponderante de uma tríade que engloba também ritmo e harmonia.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, S.M.M.G. *A Ode a Escopas no Protágoras de Platão*. Discursos sobre a areté. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2011.
- BERESFORD, A. “Nobody is perfect: a new text and interpretation of Simonides PMG 542”. *Classical Philology* 103, 2008, pp. 237-256.
- BRUNHARA, R. *Uma Poética do simpósio: a performance da elegia grega arcaica na Teognideia*. Tese de doutorado USP. São Paulo: FFLCH/USP, 2017.

⁶ Na tradução apresentada para este trabalho opto por traduzir *alathéōs* por “de verdade”, procurando manter uma ambiguidade que autorize as duas leituras possíveis, a de Platão (que entende *alathéōs* como hipérbato) e a maioria das leituras modernas (porém, negadas pelo Sócrates de Platão), de que *alathéōs* qualifica *ándr’agathōn*.

⁷ Tive a oportunidade de trabalhar minuciosamente estas questões em minha tese de doutorado, pensando-as no contexto da poesia de Teógnis de Mégara (2017).

⁸ Para o papel da elegia grega na transmissão de dados historiográficos e ético-morais, veja-se exemplos em *Elegia grega arcaica: uma antologia* como os versos da *Esmirneida* de Mimnermo (2021, pp.113-117) e da *Eunomia* de Tirteu (2021, pp.38-43).

- _____; RAGUSA, G. *Elegia grega arcaica: uma antologia*. Cotia, Araçoiaba da Serra, SP: Ateliê/Mnema, 2021.
- GUERRERO, G. *Teorias de la lírica*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- HERINGTON, J. *Poetry into drama. Early tragedy and the greek poetic tradition*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1985.
- JOHNSON, W.R. *The Idea of Lyric*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1983.
- LOPES, D.R.N. (trad. e estudo). *Platão. Protágoras*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- MOST, G. "Simonides' Ode to Scopas in contexts", in de Jong, I; Sullivan, J.P. (eds.), *Modern Critical Theory and Classical Literature*, Leiden: Brill, 1994, pp.127– 52.
- POLTERA, O. (ed.) *Simonides Lyricus: Testimonia und Fragmente*. Basel: Schwabe, 2008.
- PRADO, A. L. A. A. (trad.) *Platão. A República*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- RAGUSA, G. *Lira grega: antologia de poesia arcaica*. São Paulo: Hedra, 2013.
- RAWLES, R. *Simonides the poet. Intertextuality and reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- WILAMOWITZ, U. *Sappho und Simonides. Untersuchungen über griechische Lyriker*. Berlin: Weidmann, 1913.